

## Entrevista com o Professor *Filipe Themudo Barata*

por *Isabela Tavares Guerra*

Dossiê:  
"Gestão, Educação e Patrimônio Cultural".



<http://eoi.citefactor.org/10.11248/ehum.v7i2.1509>

**Isabela Tavares Guerra**

Mestranda em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania na UFV  
[belguerra@hotmail.com](mailto:belguerra@hotmail.com)



Recebido em: 17/04/2015 – Aceito em 01/07/2015

**Resumo:** Abrindo o dossiê, apresentamos a entrevista concedida pelo Professor Felipe Themudo Barata que busca analisar o papel da multidisciplinaridade nas questões conceituais da área do patrimônio cultural. O autor também aborda as inovações relacionadas às práticas educativas nos museus. Sua argumentação privilegia a mediação entre museus e seus frequentadores e a não distinção entre patrimônio Material e Imaterial.

**Palavras-chave:** patrimônio cultural, educação em museus, práticas educativas.

**Abstract:** Opening the dossier we present the interview given by Professor Felipe Themudo Barata that seeks to analyze the role of multidisciplinary in the conceptual issues of cultural heritage area. The author also discusses the innovations related to the educational practices in museums. His argument focuses on mediation between mu-

**Filipe Themudo Barata** é historiador, professor na Universidade de Évora, Portugal. Sua área de formação é História Medieval e do Mediterrâneo. Ao longo da carreira, atuou também nas áreas de museologia, patrimônio cultural e organizações do terceiro setor, sendo atualmente investigador responsável pela Cátedra da UNESCO em Patrimônio Cultural e Saber Fazer Tradicional.

**e-hum – Felipe Barata:** O Sr. Tem um percurso profissional longo e diversificado, que passa pela formação em direito e história. Como o Sr. decidiu focar a sua atuação na área de Patrimônio Cultural? **Felipe Barata** – *Isto é uma história longa, quando eu era professor assistente de história, uma das coisas que me impressionava é que nós*



*tínhamos a perspectiva cronológica e do controle do tempo, mas tínhamos muito pouca apreciação ou controle do espaço e do que chamávamos de cultura material.*

*No início minhas aproximações aos problemas relacionados ao espaço*

*eram ligadas à paisagem. Investigava como as propriedades estavam divididas e como evoluíam. Foi em torno das paisagens que passei a me relacionar com o espaço. Depois, na década de 1980, lá se vão muitos anos, trabalhamos em um projeto que havia aqui na Universidade, sobre a história da paisagem envolvente da cidade de Évora. Isto teve importância por uma razão curiosa, naquela altura, dentro do Colégio do Espírito Santo<sup>1</sup> tínhamos muitos departamentos, isto fazia com que as pessoas de diversos departamentos estabelecessem contatos pessoais uns com os outros. Isto tem muita importância, pois permitia que soubéssemos o que cada um fazia, mas, permitia também, que construíssemos projetos uns com os outros. Eu, desde*

<sup>1</sup>Uma das unidades da Universidade de Évora.

*esta altura, nos anos 1985, me liguei muito às pessoas da ecologia, das paisagens e de estudos das paisagens, depois muitos deles se tornaram arquitetos paisagistas. Então, foi por influência deles que comecei a lidar com o espaço, a paisagem, o território e a história ligada ao estudo do território. Apresentei um seminário sobre a história da paisagem no qual apareceram pessoas de diversas áreas, geógrafos, arquitetos paisagistas, arqueólogos, antropólogos e, a partir daí comecei a trabalhar para dar espessura histórica a estes fenômenos da paisagem.*

*Do estudo da paisagem para o patrimônio não foi muito difícil, pois estávamos a substituir um conceito da cultura material. E a noção do patrimônio começa a se desenvolver a partir de estudos sobre a paisagem e da cultura material a ela ligada. Depois,*

*tem uma parte prática, na década de 1990, percebi a necessidade de criar uma formação mais específica ligada propriamente ao patrimônio cultural. É curioso que quando olho às publicações que fiz ao longo da minha vida, continuo ligado à história medieval e à história do mediterrâneo, mas também continuo ligado à paisagem e ao patrimônio. E foi, para relacionar estes dois percursos, que parecem distintos, mas não são, que resolvi me candidatar à Cátedra da Unesco, pois ela permite ligar tudo isto.*

**e-hum** – O Sr. Falou um pouco da cultura material, no Brasil, uma possibilidade de atuação para quem

faz uma formação em patrimônio são os museus. O Sr. tem uma ligação com os museus, tanto como acadêmico, professor, quanto atuando em museus. A partir deste conhecimento, o Sr. poderia nos falar sobre as possibilidades expositivas e as práticas educativas em museus com acervo. Quais seriam as funções dos museus relacionadas às práticas educativas?

**Felipe Barata** – Esta questão comporta várias respostas. Isto tem a ver com o que se passa em Portugal. Aqui havia cursos de conservadores nos museus, cursos que estavam relacionados às questões das coleções e conservação destas coleções. Em 1998, em Portugal, aconteceu um fenômeno muito interessante, a Exposição Universal de Lisboa. O museu tinha o paradigma normal, a ideia de que tem a sua coleção, a organiza e a estuda. Mas aconteceu uma coisa interessante quando estávamos montando esta exposição, numa escala que ainda não havia em Portugal, percebemos que nos faltava algumas competências. Foi neste contexto que apareceram os dois primeiros cursos de museologia em Portugal. Um que foi da Universidade Nova de Lisboa e o outro na Universidade de Évora, por acaso montado por mim, pois trabalhei nesta exposição.

Por isso, a perspectiva profissional mais global dos museus, começou aí. Uma formação estendida na qual as pessoas percebem que os museus podem ter outras funções, outras vantagens no sistema de ensino e começaram a construir serviços educativos com outro alcance, outra dinâmica. Até que, a própria lei quadro dos museus portugueses<sup>2</sup> vem oficializar todos estes fenômenos. Hoje em dia, para uma instituição se chamar museu tem que ter serviço educativo, o que abriu ou-

*tras questões poucas formações em museologia em Portugal, têm uma discussão específica sobre a educação muito relevante. Portanto, nós muitas vezes somos confrontados, quando ligados aos museus, com esta prática difícil de transformar o museu, digamos, em um instrumento ligado aos programas escolares. Isto começa a ser comum, começa a ser mais alargado e aparece em muitos museus, não em todos. A segunda coisa, curiosamente, não é com os museus, mas com os professores das escolas que muitas vezes não tem formação adequada para perceberem a relação entre os programas escolares e as coleções dos museus, ou às práticas museológicas.*

*Se eu quisesse fazer um balanço eu diria, se fosse há 10 anos seria mais fácil responder, pois tinha responsabilidade sobre um museu, mas hoje, diria que os museus esforçam-se por organizar as suas coleções, mas principalmente, as suas informações em função dos programas escolares. Há um enorme esforço, devo reconhecer. Isto por um lado, mas pelo outro lado tem um segundo problema que são os cortes orçamentais que dificultam as suas funções. Mas como isto é para o mundo inteiro, acho que não conta. Outra coisa tem a ver com a necessidade dos professores, muitas vezes com formação mais antiga, serem capazes de regular o seu próprio discurso pedagógico utilizando os museus. Alguns problemas não estão do lado dos museus, mas do próprio sistema de ensino. Mas diria que agora é cada vez mais comum a utilização dos museus como espaço de ensino.*

*Ao contrário do que se passa nos*

<sup>2</sup>Lei n.º 47/2004 de 19 de Agosto. Disponível em: [http://www.patrimoniocultural.pt/static/data/patrimonio\\_movel/lei\\_dos\\_museus.pdf](http://www.patrimoniocultural.pt/static/data/patrimonio_movel/lei_dos_museus.pdf)

*países anglo-saxões, os museus perderam bastante uma das suas funções iniciais, que era exatamente esta ligação com os sistemas de ensino e nós poderíamos dizer que, em grande medida, ainda estamos em um período de recuperação desta função.*

*Isto poderia nos levar ainda mais longe, com as questões de formação contínua dos professores, dos museólogos e passa por coisas complicadas. Por exemplo, hoje em dia, os museus têm novas funções técnicas pelas quais não tenho certeza se estão preparados. Isto cria alguns ruídos, pois hoje os museus têm a obrigação de guardar e preservar o patrimônio imaterial. E normalmente os museólogos não têm formação nestas áreas, o que tem criado alguns problemas. Os problemas são em Portugal, mas também em vários países do mundo inteiro.*

**e-hum** – Já que falamos em patrimônio imaterial e de alguns problemas ligados a este conceito. Quais são as funções da Cátedra da UNESCO em Patrimônio Imaterial e Saber fazer Tradicional? Qual a importância dela?

**Felipe Barata** – *A importância se desdobra para mim em questões pessoais também. Esta Cátedra tem funções muito específicas, que estão registradas em um documento que a Universidade de Évora assinou com a UNESCO. São funções simples de explicar, em primeiro lugar, fazer formação avançada, mestrados e, sobretudo doutoramentos. Depois fazer projetos de investigação, que são muitas vezes projetos*

*competitivos, apresentamos a programas europeus e internacionais. Depois ainda temos duas áreas que do meu ponto de vista são interessantes, uma tem a ver com formação profissional, principalmente para a população que chamamos de população fragilizada. Tem uma ideia, que é preciso sublinhar, que há uma economia da cultura que é preciso desenvolver, ampliar e explicar do que se trata esta economia. A outra tem a ver com uma questão pessoal, como sou professor da Universidade de Cabo Verde, comprometi-me em montar um Centro de Referência de Investigação do Patrimônio em Cabo Verde. Dentro dos próximos quatro anos a Cátedra vai montar este Centro e veremos o que vai acontecer.*

*Depois, em um contexto mais cotidiano da função da Cátedra, fazemos muito incentivo aos desenvolvimentos curriculares. As pessoas devem ganhar competências diferentes além dos temas específicos dos seus doutoramentos e mestrados. Também devem desenvolver competências nas áreas das novas tecnologias e comunicação. A Cátedra tem um trabalho interessante neste desenvolvimento.*

**e-hum** – Qual a importância da salvaguarda do patrimônio imaterial na nossa sociedade? O Sr. tem alguns exemplos de práticas bem sucedidas?

**Felipe Barata** – *Gosto de isolar casos que podemos apresentar como exemplares, isto tem importância, pois estes estudos de casos permitem compreender linhas ou ações que tem alguma sustentação, e outras que são mais práticas. Embora gostasse de sublinhar que a variedade tem importância e nós temos muitas situações de boas e más práticas, mas algumas que só somos capazes de verificar depois*

*de algum tempo.*

*Atualmente, eu diria que é mais fácil as pessoas abdicarem das suas identidades, não só porque são absorvidas e engolidas por meios mais sofisticados e mais fortes, e não só porque as pessoas têm hoje tendência de sair dos seus lugares, tem mobilidade. O mundo de hoje está configurado para ser difícil resistirmos a estes movimentos que são, digamos, para facilitar a expressão, destruidores das identidades. Isto é um lado deste fenômeno, o mais evidente é com a língua, todos os dias desaparecem línguas e dialetos, pois é difícil resistir à homogeneização que algumas línguas provocam. Deste ponto de vista, ser capaz de estudar e de manter viva estes fenômenos dialetais e lingüistas é um ato de cidadania. Em primeiro lugar a defesa do patrimônio imaterial é um fenômeno de cidadania. Digo aos alunos muitas vezes que o que quero ensinar primeiro é não abdicarmos do nosso direito de cidadania e não abdicar da nossa identidade. E isto é difícil no mundo de hoje, muito mais do que parece. Em uma imagem caricatural, a televisão tende a apagar tudo que é diferente para ficarmos todos iguais.*

*Isto é por um lado da questão, por outro lado, nisto que há pouco eu chamei de economia da cultura, a divisão dos benefícios que envolvem o patrimônio imaterial, é totalmente diferenciada em relação às pessoas interessadas, os produtores são menos beneficiados do que determinadas instituições, isto acontece com os livros, contos populares, a música, o cinema. De um lado estão os produtores, mas quem de fato se beneficia com este sistema, com esta organização, são as pessoas que registram as músicas, os textos, por isto os produtores não têm a*



apreciação dos valores econômicos daquilo que fazem. As listas da UNESCO são interessantes, pois no fundo o que eles estão dizendo é que é possível resistir, pois cada um de nós, cada país tem alguma coisa que é diferente dos outros, que é muito interessante e que tem obrigação de ser defendida. Em grande medida, seja paisagem, um edifício, seja um meio material, é sempre possível defender a identidade. E esta é a ideia que eu prezo e que eu gosto no fundo do patrimônio imaterial. Devo dizer que há uma grande discussão daquele artigo<sup>2</sup> da Convenção de 2003<sup>3</sup>, onde identifica o que é patrimônio imaterial. Inicia-se uma discussão interessante em escala mundial, mas é um bom começo, uma boa proposta por defender valores identitários e memoriais. Nossa sociedade padece de um grande problema, pois acha que o mundo começou

no século XIX, mas o mundo já existe antes do século XIX. E é muito importante lembrar isto e não são só os valores imateriais, mas é o papel do historiador. Mas isto é outra conversa.

**e-hum** – No Brasil tem uma discussão sobre os conceitos, definições e sobre a proteção do patrimônio imaterial e material. Aqui, vocês tem esta discussão também ou para o Sr. já é uma questão resolvida?

**Felipe Barata** – Sim tem. Para mim pessoalmente é uma discussão que não tem sentido. É claro que a materialidade está no ser humano e, por isso, qualquer coisa que eu pense ou que diga está dentro da

minha cabeça, que é matéria. Mas do ponto de vista conceitual esta discussão não tem sentido, qual é a materialidade de uma língua? Eu posso dizer que são as cordas vocais, mas isto passa quase a ser a lógica do absurdo. Eu não estou muito preocupado com este fenômeno, mas há duas questões relacionadas ao patrimônio imaterial que me interessam.

Eu acho mais interessante outra coisa: há fenômenos materiais que só tem sentido com o que se passa lá dentro, por exemplo, uma praça, só tem sentido com as práticas culturais que lá se passam. Isto empresta para o patrimônio imaterial um valor explicativo sobre o material que ele antes não tinha. A segunda coisa é que ele nos permite fazer uma outra aproximação sobre este fenômeno. Tome o caso das fortalezas portuguesas que foram construídas no Brasil, ou na África, na Ásia. Este patrimônio é um patrimônio que nos remete ao período no qual estas estruturas foram construídas, mas muitas vezes a população tem sobre estas construções comportamentos muito diferenciados. Umás vezes rejeitando, outras vezes se apropriando e tornando-os seus, estou falando das populações atuais, que hoje lá vivem. Isto tem a ver com algo relacionado ao patrimônio que é muito interessante, o conceito de hibridismo.

O patrimônio não é só perguntar de quem é?. Mas o mais interessante é saber que aquele mesmo patrimônio tem agregado valores imateriais que antes não éramos capazes de perceber. Eu lido com casos muito concretos, vou te dar só um pequeno exemplo. Há uma cidade que é Safi em Marrocos que está cheia de castelos e igrejas portuguesas. Tudo foi construído no século XVI pelos portugueses, mas a população

considera que aquilo tudo é dela, mesmo sabendo que foi construído pelos portugueses. E hoje, para eles, Safi tem um valor identitário ligado àquelas muralhas. Mas este valor pertence a quem? Como valor identitário pertence aos dois. E é isto que torna o patrimônio imaterial interessante, quando incorporamos os valores memoriais e identitários, vai a uma outra dimensão. Por isso, acho que estas discussões, se o patrimônio material depende do imaterial, me parecem um pouco estereis.

**e-hum** – O Sr. trata da importância do patrimônio para o desenvolvimento sustentável de algumas sociedades. Você poderia nos dizer como este desenvolvimento pode ser alcançado? Quais projetos deveriam ser feitos? Quais são os obstáculos?  
**Felipe Barata** – Há uma área que estamos a ganhar confiança na sua importância, que é a chamada economia da cultura. Basicamente estamos a falar de uma área que grosso modo, nos EUA representa 7% do PIB e na Europa cerca da metade disto. Portanto, isto dá uma apreciação do potencial de crescimento deste setor. Daquilo que chamamos da economia da cultura não está só a produção artesanal, tem a ver com tudo que está ligado ao espetáculo, à mídia, cinema, teatro, produção arquitetônica no espaço público, todos estes fenômenos. Todos os setores estão enumerados e elencados.

Curiosamente, até hoje, os norte-americanos é que tem conseguido perceber como desenvolver esta área, e isto explica o valor do PIB que eles conseguem alcançar. Infelizmente, quanto menos rico é o

<sup>3</sup> Convenção da Salvaguarda do Patrimônio Imaterial aprovada em Paris em 17 de outubro de 2003. Disponível em: <http://www.unesco.org/culture/ich/doc/src/00009-PT-Portugal-PDF.pdf>

país, menor é este valor. É isto que nós temos que saber desenvolver, pois é o setor que tem maior potencial de crescimento na estrutura dos PIBs. E isto tem a ver com várias coisas, por um lado há problemas técnicos, mas há também problemas de formação, ou seja, das pessoas entenderem a importância do espaço público como valor mediador desta economia e depois as pessoas serem capazes de perceberem estes fenômenos de outra maneira.

Gosto de dar um exemplo de um projeto que eu colaborei. Tome por exemplo a cidade de Pisa, na Itália, que tem a Praça dos Milagres visitada por cerca de 1.500.000 pessoas por ano, mas as pessoas não entram dentro da cidade. A cidade tem um espaço que é visitado, mas a cidade não é visitada. O que significa que em grande medida a cidade tem que gerir um problema,

relacionado ao número de visitantes, tais como a segurança, mas de fato a cidade não está se beneficiando destes visitantes.

**e-hum** – Alguns autores afirmam que estamos vivendo uma inflação patrimonial. Gostaria de saber se o Sr. concorda com isto e, se sim, quais são as conseqüências deste fenômeno?

**Felipe Barata** – Acho que sim, que é verdade, cada vez mais há a patrimonialização dos bens, dos serviços, da memória. É verdade que isto acontece, mas ainda bem que acontece, eu sou a favor que aconteça. O que nós temos que perceber é que o que já foi destruído é gi-

gantesco. Por isso não estou nada incomodado que estes valores patrimoniais ganhem um conceito cada vez mais alargado. Isto me agrada, parece que esta é a única forma de preservarmos bocados da nossa memória que é muito fácil deitá-las fora.

O patrimônio implica outra coisa, muitas vezes temos que optar. Os problemas da opção são quando o Estado tem dinheiro para fazer obras de conservação tem que se optar se gasta em um lugar ou no outro. Porque os meios são limitados e essas opções são fundamentais. Tenho a plena consciência que não somos capazes de preservar todos os bens patrimoniais que são comumente aceitos como de valor patrimonial. E como tenho certeza que muitos deles serão destruídos, pois não há meios de preservá-los, não estou incomodado que este conceito se alargue. Eu sou muito favorável às políticas recentes da UNESCO que nos explicam que é necessário preservar o patrimônio sobre a forma digital. Muitas vezes esta será a única forma de fazê-lo. Os projetos que são chamados de "digital heritage" são projetos que valem cada vez mais a pena ser uma responsabilidade, para além de científicas, cívicas das universidades.

**e-hum** – Com a experiência que o Sr. tem na área do patrimônio, o que você diria para quem está começando nesta área. Quais as competências o profissional deve desenvolver?

**Felipe Barata** – Eu acho que hoje em dia há competências que todos devem desenvolver e que são fundamentais para o patrimônio. Eu enumeraria da seguinte forma: como historiador gosto da ideia de dar espessura histórica aos valores patrimoniais; como antropólogo, se eu o fosse, é muito importante contro-

lar as metodologias que a antropologia nos fornece para nos aproximar dos valores patrimoniais; como sociólogo acho que uma pessoa deve perceber o quadro social que existe e que existia em torno desses bens. Se eu fosse gestor, um homem da economia e da gestão, também não me afastaria desse problema, por exemplo, quais são as competências de se dirigir uma empresa ou um sítio arqueológico? Há critérios de gestão que é preciso compreender.

Há outro conjunto de competências importantes, em primeiro lugar a informática, hoje em dia no mundo das novas tecnologias seria estranho que as pessoas que lidam com o patrimônio achassem as questões da informática difíceis demais. Hoje em dia as novas tecnologias da informática são fundamentais para qualquer uma das ciências, mas principalmente para quem lida com o patrimônio. Outra questão é que só depois de conhecer podemos comunicar, e conhecer os sistemas de informações, como eles são conduzidos e como se apresentam é fundamental.

**e-hum** – Uma última pergunta: em sua opinião qual é o futuro da história e do patrimônio?

**Felipe Barata** – Da história há uma coisa que é completamente clara na minha cabeça. Havia um professor de história no século XIX, Michelet<sup>4</sup>, que tentava explicar aos seus alunos que se quisessem ser historiadores o melhor era participar das revoluções do século XIX. Que isto daria sentido ao que faziam e àquilo que estudavam. Eu continuo a acreditar nisso, deste ponto de vista eu concordo com Michelet e March Bloch<sup>5</sup>, também por acreditar nisso ele foi fuzilado durante a Guerra. Um historiador fora da sociedade não existe, fica um erudito

*que sabe algumas coisas. O historiador perdeu muito espaço na sua capacidade de intervenção, e por culpa própria; do meu ponto de vista a história não soube reorganizar o seu discurso. E acho que deveria ter um retorno a estes modelos tanto o de Michelet quanto o do Marc Bloch.*

*Hoje em dia os historiadores lidam muito com os economistas, como os economistas acham que o mundo começou no século XIX, desde que nasceu o capitalismo, os economistas só são capazes de buscar os valores a partir do século XIX. Os historiadores abdicaram por muito tempo de explicar fenômenos que nós hoje vivemos, porque não quiseram fazer a intervenção no espaço público, não quiseram fazer parte da sociedade e, por isso, foram substituídos. Isto não aconteceu só com a história, mas com outras ciências que estão reorganizando o seu*

*território. E, hoje em dia, do meu ponto de vista, a história tem que voltar a intervir no espaço público para explicar fenômenos que vivemos e mecanismos que hoje nós julgamos que estão a ser redescobertos, para mim é uma questão quase indiscutível.*

*O outro valor tem a ver com patrimônio. Há um exemplo interessante; no dia em que o John Kennedy morreu, morreu também um grande escritor americano Aldous Huxley<sup>6</sup>, que escreveu que os valores patrimoniais poderiam ser substituídos por valores aleatórios. Há alternativa a isto, são os valores ligados ao patrimônio, eu não tenho*

*dúvida. Se você quiser assim, isto é quase uma profissão de fé, ser historiador também é isto, é intervir.*

<sup>4</sup>Jules Michelet, historiador e filósofo (Paris, 1798-Hyéres, 1874). Por seu posicionamento contrário ao Segundo Império, foi preso em 1851 e perdeu seus cargos públicos.

<sup>5</sup>Marc Bloch, historiador francês (Lyon, 1886- Sainte-Didier-de-Formans, 1944). Conhecido por ser um dos fundadores da Escola dos Annales, participou da resistência francesa e foi fuzilado pelos nazistas.

<sup>6</sup>Aldous Huxley, escritor (Reino Unido, 1894- Estados Unidos, 1963). Sua obra mais conhecida no Brasil é *Admirável Mundo Novo* de 1932.